

Delelelele
II SERIE
N.º 4

REVISTA

ADDA

MINHO

Delelelele
II ANNO
1886

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES DIRIGIDA POR

Joze da Silva Vieira



BARCELLOS

Secção folk-lorica

FOLK-LORE ALEMTEJANO

XXI

Rimas e jogos infantis, colligidos no concelho d'Elvas

(Appendice á collecção publicade no Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, serie 5.ª, n.º 12)

(Continuação)

38
Se tivesse, vendia,
Que era dinheiro que fazia.
39
Se quer vir, venha,
Que vou para a azenha.
40
Não tem cira, nem beira,
Nem ramo de figueira.
41
Não se aflija,
Que logo mija.
42
Se vos asneiraes
Inda vereis mais.
43
Adeusinho,
Que é mais docinho.
44
Lerias tuas
Trinta e duas.
45

Na casa deste homem
Quem não trabalha não come.

46

Maria Margalhona
Sapato no c...
E pè na aldraba.

47

Chouriço
Faz a gente arisco,

48

Murcella
Faz a gente anarella.

49

Alleluia, alleluia,
Rabo de bacalhau p'ra rua.

50

Estou ao seu dispor,
Como a couve flor.

51

Fui ao matto
Buscar gravato.

52

E' entrudo,
Passa tudo.

53

Se là não chegar
A vida lhe ha-de custar.

54

—Ganhou!..
O que a burra ganhou em maio.

55

Tão, balão,
Morreu e Sachristão,
A s portas da villa,
Co'as chaves na mão.

56

O ratinho
Rata o pão e rata o queijo,
O' menina dà me um beijo.

57

Você, è estrebaria,
Nella come e n'ella cria.

58

Não é calhandra
Mas perto lhe anda.

59

João Ratão cahiu na olha,
Nunca se viu panella mais gorda.

60

Ai, ai, vida minha,
Quem não come não mastiga.

61

Alvelsa,
Quem a apanha
E' mais leve que ella.

62

Deixe!..
Bacalhau
Tambem é peixe.

63

—Deus me livre!..
—De comer carne de abibe.

64

—Ora esta!..
—E' filha da abelha mestra.

65

Viva la!..
Que é uma moda
Que anda cá.

66

—Bem!
—Casarei c'oa filha,
E co'a mãe tambem.

67

—Está prenha..
—Do burro da azenha.

68

—Aonde his?
A Evora Monte
Fazer barris.

69

—Venha outra..
—Sôra potra.

70

—Por um tris!..
70

70

—Por um tris!..
70

70

—Não caio para traz
E quebro o nariz.
71

—Muito bem!
—Se canta na sé
Mas è quem è.
72

—O que fôr soarà...
—Se não fôr sino de cortiça
Com badalo de lã.
73

—Jesus!
—Que se apaga a luz.
74

—Toma,
Que vaes para Roma.
75

O maldito gallo
Que azas que tinha,
Vae-te embora, gallo,
Que eu não sou gallinha.
76

a) Maria do valo
Comendo repolho,
Veio de lá o cão
Tirou-lhe um olno.

Maria da Costa
Comendo sallada,
Veio de lá o cão
Deu-lhe uma dentada.
77

Mané Ceguinho.
Já não tem piroca,
Cortou-lh'a á mulher
Com o ofio da roca.

b) O doutor Zé Palos
Foi ós agriões,
Ao saltar a vala
Cahiram-lhe os calções.
78

(b) O doutor Zé Palos
Foi ás alabaças,
Ao saltar a vala
Cahiram-lhe as calças.

(c) O doutor Zé Palos
Foi falso aos nossos,
Tiraram-lhe os olhos
Para padre-nossos.
79

O' senhor doutor
Venho fazer as queixas,
Dõe-me a barriga
De comer ameixas.
80

Não é nada,
Zé Quitoles,
Mud'as mãos,
To'ós folles.

Faécias e romances

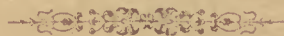
81

Era, não era,
Andava na serra,
Lavrando c'um cartaxo
E tres calhandras,
Veio-lhe noticia
Que o pae era morto,
É a mãe por nascer,
C'os sapatos à cintura
Parte e correr,
Lá no meio do caminho
Tres ovos de batarda,
Deitou-os á sua burra parda,
Sahiram-lhe tres gamellas,
E foi-se a casa com ellas.

82

Ceguei a janella
Para ver quem viaha,
Vinha 'ma saloia
Pela ru'ácima,
C'uma cesta d'ovos,
'Ma gallinha em cima,
—O' mulher dos ovos.
Suba cá acima,
A como vende os ovos?
—A tres ò vintem,
Não os vendo por
Menos a niugem.—
O' descer da escada,
O' voltar da 'squna,
'Scorreg'á mulher,
Cahi álecolinha,
Cubraram-s'os ovos,
Fugi a gallinha.

Antonio Thomaz Pires.



D. FORTUNA E D. DINHEIRO

(CONTO POPULAR)

Foi um facto celebre!
Não sei como passou á poste-
ridade!

O facto è que me estava re-
servado o privilegio de chro-
nista n'esta historia: portanto,
sem mais preambulos vamos a
entrar em assumpto.

* *

* *

N'um reino, que não vem na-
da para o caso o seu nome; vi-
viam ha muito enamorados: D.
Fortuna e D. Dinheiro, de tal
fôrma ligados que não se via um
sem o outro—era a corda e o
caldeiro.

A malidicencia, que è um vi-
cio antigo, começou a desdenhar
d'estes namoricos. Os visinhos
envejados murmuravam accinto-
samente.

O matrimonio pôrem veio pôr
termo á murmuração.

*

* *

Era D. Dinheiro um rethun-
chudo moçetão, de cabeça re-
donda, e cabellos de côr do ou-
ro de lei, barriga de prata do
Mexico, pernas de cobre de Ma-
cau e pés... quanto aos pés,
que julgo serem d'algun *banco*,
pois que elle trazia sempre cal-
çado umas sapatas de papel da
fabrica da *moêda!*

D. Fortuna era uma estouva-
da, sem lê, sem lei, muito agil
e mais cega que uma toupeira!

Ainda bem os noivos não ti-
nham saboreado o pão da boda,
e já entre elles lavrava funda dis-
cordia.

—Deus te guarde!—disse D.
Dinheiro.

—E ao senhor tambem, retor-
quiu-lhe o pobre.

—Não me conheces?

—Não o conhece senão para
o servir.

—Nunca vistes a minha cara?

—Na vida de Deus.

—Pois que, nada possues?

—Sim senhor, tenho seis filhos
nús; pôrem em questão de bens,
não possuo mais que *colhe e co-
me* quando o ha!

—E estás aqui aguardando al-
guem?

—Eu guardar?... ah! sim es-
pero que seja noite...

—E porque não trabalhas?

—Boa! porque não acho em
que! Tenho tão má fortuna que
tudo me sãa retorcido: desde
que me casei, parece que a fa-
talidade me tomou á sua conta,
sou o supra—summo da desdita!

Deitei-me a viajar por esses
mundos fôra em busca de tra-
balho.

Ceguei a uma terra onde ha-
via um rico palacio, cujo pro-
prietario o era tambem; seis ho-
mens corriam de um para ou-
tro lado com cestos vindimos va-
sios, informei-me por um d'elles
do que se tratava.

—«E' meu amo, me disse um d'elles,—que pretende introduzir o sol no palacio, de fórma que nos tem empregado n'este serviço». Rime com gosto d'esta aventura, e tomando d'uma escada, fui-me ao telhado, e d'elle tirei algumas telhas por cujas fendas o sol logo penetrou, no palacio; por este facto, os homens lançaram-se a mim, com boas tentções de me apalparem as costellas se depressa não tomo a fuga.

Por bem fazer mal haver, continuei a caminhar em busca de melhor fortuna.

Fui parar a uma outra terra, onde um patrão contratou comigo abrir um poço que não tivesse fundo, promettendo-me *mundos e fundos* apenas dê-se a obra por concluida, porem em antes não adiantava nem um *centil*.

Ella queria governar, elle tambem queria ter poder, devendo porem notar-se que este era tolo e soberbo, e não estava por, tanto pelos ajustes.

«Senhores,—dizia por ahi um escriptor,—se o mar casasse, havia perder bastante da sua bravura.»

D. Dinheiro era mais soberbo que um mar qualquer e não se deixava assim subjugar com duas razões.

Ora como ambos queriam ser mais e melhor, nenhum queria ser menos, determinaram fazer uma prova de qual dos dois tinham mais poder.

* * *

Um dia disse a mulher para o marido:

—Olha, vê's alli abaixo á sombra da oliveira, aquelle pobre tão cabisbaixo e amofinado?

—Vejo!

—Bem, então vamos a vêr qual dos dois, tu ou eu, lhe fazemos melhorar a sorte.

—Está dito.

Dirigiram-se até á oliveira e alli acamparam; elle rodando e ella d'um salto.

* * *

O homem, que era um d'esgraçado que nunca em sua vida, tinha lançado vistas em cima d'um nem d'outro, abriu os olhos tamanhos como azeitonas; quando elles se lhes pozeram deante.

—Fez bem, disse sentenciosamente D. Dinheiro; pois lá do rifão:—Dinheiros tomados, braços quebrados. Segue homem.

—Trabalhei a deitar os bofe-pela bocca fóra; porque aqui d'onde me vê, com esta ruim cara, sou um homem, senhor.

—Sim por isso estou eu!

—E' que, senhor, replicou o pobre, ha quatro classes de homens: ha *homens* como são os homens, ha *homensinhos*, *homunculos* e *homensarrões* que não merecem nem a agua que bebem. Porém, como ia dizendo; tanto cavei, tanto afundei, que no fim só encontrei um velho sapateiro.

—Nas entranhas da terra?—exclamou D. Dinheiro indignado, ao saber de tão pessima visinhança junto do seu palacio.

—Não senhor, respondeu o pobre, não foi nas entranhas da terra, mas da outra banda em terra de gente,

—Que gente, homem?

—Nos antipodas, de fórma que no fim de tanto trabalho fiquei sem a promettida remuneração.

—Quero favorecer-te, amigo, disse D. Dinheiro mettendo pomposamente uma moeda prata na mão do pobre.

(Continua)

L. Y S.

BIBLIOGRAPHIA

Diversas publicações

—Os fasciculos n.º 10 a 13 das «*Tabulas de la Fontaine*», uma das primeiras edições de luxo que em Portugal se está fazendo; é editada pelo snr. David Corazzi, Lisboa.

—O n.º 4 e 5 da «*Alverada*», publicação mensal de Villa Nova de Famalicão.

—O n.º 111 do «*Petiz*», Porto.

—O n.º 129 e 130 de «*La Medicina Veterinaria*», revista scientifica e profissional de Madrid.

—O n.º 14 e 15 da esplendida publicação o «*Homem que Ri*», que está sendo editado pela acreditada casa editora Lopes e Com.ª da Praça d'Alegria n.º 104—Porto.

—O n.º 10 do 2.º anno da revista semanal de Barcelona «*El Angel de Hogar*», publicação feita a expensas da «*Academia Esmeralda Cervantes*».

—O n.º 5 da «*Historia da Revolução Portuguesa de 1820*». Esta edição é das mais nitidas que está sabindo dos sr's portugueses, sendo d'ella editores os sr's Lopes e Comp.ª, da rua do Almada—Porto.

—Os fasciculos n.º 40 a 46, vol. 4.º dos «*Miñhões do Criminoso*», publicação da Empresa Belem e Comp.ª de Lisboa.

—O n.º 60 a 63 do 2.º anno da «*Maria Rita*», semanario illustrado do Porto. Ambos estes dous numeros vem interessantes.

—O n.º 8 e 10 do 1.º anno do «*Recreio*» publicação que á luz sae em Lisboa.

Agradecemos.

—O n.º 7 do 1.º anno do novo quinzenario hespanhol, «*El Ecco Universal*», que proficu mente está sendo redigido.

—O n.º 44 do 2.º anno do «*El Faro Espiritista*, de Toçosa.

—Temos presente o n.º 9, anno 10 do «*Zoophilo*», Todo este numero vem escripto com primor e illustrado magnificamente.

A' redacção do «*Zoophilo*», agradecemos penhorados a offerta d'este n.º pedindo a fineza do enviamento n.º 5 que não recebemos.

—Recebemos o numero 96 do IX anno do «*Bulletti Mensual de la Associacio d'Excucions Catalana*», de Barcelona.

Este numero é pertencente ao mez de setembro do corrente anno.

—O numero 65 do V anno da «*Juventude Catolica de Valencia*».

—O numero 41 a 47 da importissima obra, original do immortai poeta francez Victor Hugo, «*Os Miseraveis*», que se estão editando pela acreditada casa do sr. Eduardo da Costa Santos á rua do Santo Idefonso n.º 6, Porto.

Agradecemos.

—O numero 11 do 1.º anno da «*Petrola*», semanario litterario portuense.

—O numero 4 do 1.º anno da bem escripta revista de Barcelona «*El Criterio Commercial*», (Continua)

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

BIBLIOTHECA DOS POBRES

60 reis cada volume reis 60

Assignatura em todo o reino

Cada volume de 64 paginas, brochado e estampilhado para os snrs. assignantes fóra de Lisboa..... 60 reis

Cada volume avulso..... 60 reis

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da empreza Rua do «*Diario de Noticias*», 83, Lisboa

BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA COMMERCIAL DO PORTO

Este «Boletim» comprehende, além das actas e mais documentos officinaes da Sociedade de Geographia, algumas das mais bellissimas e muito interessantes conferencias feitas na mesma sociedade pelo illustre africanista dr. Francisco Antonio Pinto, e muitos outros documentos interessantes, como se achá explicado no prospecto desta publicação.

Junto com cada numero do «Boletim» sahe uma folha, com paginação á parte para formar volume distincto dos «Diarios de Silva Porto» um portuguez illustre que ha mais de trinta annos tem servido a causa da civilisação no interior d' Africa. Estes «Diarios» são até ao presente inéditos, e d' um interesse palpitante.

O «Boletim» publica-se por séries de dez numeros, com 48 paginas cada um, em formato 8.º grande. Sahirá um numero por mez.

Preço da assignatura por cada serie (paga adiantada)

Soc. effectivos da Sociedade 500 rei
Todes os outros assignantes 15000 »
Numero avulso 200 »

LIVRARIA PORTUENSE, EDITORA

Rua do Almada 123, Porto
Recebem-se assignaturas.

O

MINHO

PITTORESCO

POR

José Augusto Vieira

Esplendida edição adornada com mais de 300 desenhos de João d'Almeida, paizagens typos populares, povoações, obras d'arte, monumentos etc.) gravados pelos mais celebres artistas nacionaes e estrangeiros; magnificas estampas em chromo a 12 cores, representando costumes; e 6 mappas da provincia (geologico-hydrographico e dos arvoredos e terrenos incultos, e chorographicos dos districtos de Vianna, Braga e Porto) expressamente gravados.

Publicação quinzenal em fasciculos com capa, 200 rs. em Lisboa, Porto e cidades do Minho, 220 reis em qualquer ponto do paiz.

Com um brinde a todos os assignantes no fim da obra.

Editor: Antonio Maria Pereira, livraria, rua Augusta 50 a 52, Lisboa.

OS SECREDDOS

DA

CONFISSÃO

POR

CONSTANCIO MIRALTA

(Presbitero)

Traduzidos, prefaciados e editados por Clemente Gomes Alves

Está a sahir do prélo. Não é um romance, é uma narração completa de escandalos clericaes, uma photographia exactissima da humanidade, desde os primeiros tempos em que ella se humilhou aos pés do seu maior flagello—o PADRE!

É um livro que tanto pela insuspeitabilidade do seu aucto, como pelos factos que contém, é digno de ser possuido por todos os que desejam ser conhecidos das miserias do mundo e pelos verdadeiros liberaes.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Martinho Oortella redeção da «Discussão»—Porto.

Por assignatura, 500 reis; volume avulso, 600 reis.

Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos—Editor
Porto—Rua de Santo Ildefonso, 4 a 6—Porto

VICTOR HUGO

NOSSA SENHORA DE PARIS

Romance historico illustrado com 200 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGENE HUGES

Depois dos Miseraveis é o romance de Nossa Senhora de Paris a obra mais sublime de Victor Hugo. Cheio de episodios surprehendedentes, n'uma linguagem primorosa, a sua leitura eleva o nosso espirito ás regiões sublimes do bello e inunda de entusiasmo a nossa alma, levando-nos a tributar ao grande poeta francez a admiração mais sincera e illimitada.

A sua traducção foi confiada ao illustre jornalista portuense, o o ctm.º sr. Gualdino de Campos, e a obra completa constará d'um volume magnificamente impresso em papel superior, mandado fabricar em uma das primeiras casas de Milão.

CONDICÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 1 volume ou 18 fasciculos em 4.º, e illustrada com 200 gravuras, distribuida em fasciculos semanaes de 32a paginas, ao preço de 100 reis, pagos no acto da entrega. Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porto, mas só se acceitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de cinco fasciculos adiantados. A casa editora garante a todas as pessoas que angariarem qualquer numero de assignaturas, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribuição dos fasciculos, a commissão de 20 por cento. Acceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz, que dêem abono á sua conducta

Toda a correspondencia deve ser dirigida á
Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos
Editor

Porto—4, Rua de Santo Ildefonso, 6—Porto